



"Educação como prática de Liberdade":  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9663 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

**NARRANDO E REFLETINDO: NOTAS SOBRE O PROJETO  
PET/PEDAGOGIA/RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO AMAPÁ**

Elivaldo Serrao Custodio - UNIFAP - UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

Eugenia da Luz Silva Foster - UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

Agência e/ou Instituição Financiadora: PET/MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

**NARRANDO E REFLETINDO: NOTAS SOBRE O PROJETO  
PET/PEDAGOGIA/RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO AMAPÁ**

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo trazer reflexões, notas de memórias e experiências sobre o processo de inclusão da temática racial no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) através do projeto intitulado *Pet/Pedagogia/Relações Raciais e Educação* realizado no período de 2011 a 2019. Trata-se de um estudo qualitativo reflexivo a partir dos estudos de Melucci (2005), dentre outros. Os resultados apontam que as atividades relativas às diversas fases do projeto contribuíram para que a UNIFAP ampliasse seu foco de atividades, com a inclusão de forma mais geral das discussões sobre a temática das relações raciais. O projeto foi uma oportunidade ímpar na sistematização de estudos sobre o racismo no mundo e no Brasil, ao mesmo tempo que estimulou os acadêmicos bolsistas a mergulharem nas suas próprias memórias.

**Palavras-chave:** Educação; Pet/Pedagogia; Relações raciais; Memórias e experiências; UNIFAP.

**PARA INÍCIO DE CONVERSA**

Abrimos nossas reflexões com a narração de duas situações de sala de aula. Uma ocorrida em uma turma do primeiro ano do ensino fundamental e outra vivenciada por um/uma dos/as autores/as em reunião pedagógica na escola.

Situação 1 – relato de uma professora:

*Uma criança se nega a dar as mãos ao colega, em uma atividade em que era necessário que todos se dessem as mãos, em círculo. Ante a inesperada reação de recusa, a professora decide forçar a situação e obrigar o aluno a dar as mãos ao colega, que continua resistindo. Indagada pela professora, sobre as razões da recusa,*

*a criança já bastante constrangida apresenta a seguinte justificativa: “Não quero, ele é preto!” Conta a professora que, perplexa diante da situação, para ela inusitada na trajetória de tantos anos de magistério e oscilando entre indecisa e insegura sobre a melhor atitude a tomar resolve: “Ah é? Então agora você vai abraçar e beijar seu colega, senão vai para a diretoria”. O aluno desata a chorar e a professora resolve pedir ajuda à Coordenação Pedagógica.*

## Situação 2 – vivenciada por um/uma dos/as autores/as em reunião pedagógica:

*Ao relatar a situação de sua turma, em reunião de final de bimestre, uma professora de terceira série, em escola bem conceituada do estado do Amapá, faz o seguinte comentário: “Está aí, Pedro é pretinho, mas esse menino até que não me dá trabalho. Às vezes é atentado, mas aprende direitinho”. Interpelada sobre o caráter racista do comentário, a professora deu a seguinte justificativa e, como sempre, jogou a responsabilidade pelo “deslize” à pessoa que a interpelou. - “Nada disso! Vocês adoram ver chifre em cabeça de galinha. Eu não sou racista e não quis dizer nada disso. Tudo vocês tomam como racismo. Isso já é complexo de inferioridade!”. Infelizmente, não foi possível avançar na discussão porque a professora se fechou num mutismo carrancudo e não quis mais tratar do assunto.*

Essas duas situações acima relatadas entram aqui como mote para introduzirmos narrativas de memórias e experiências sobre o processo de inclusão da temática racial no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) a partir da tutoria de um projeto financiado pelo Ministério da Educação (MEC) denominado *Pet/Pedagogia/Relações Raciais e Educação* no período de 2011 a 2019. Trata-se de um estudo qualitativo reflexivo a partir de Melucci (2005), dentre outros.

A atitude das duas professoras revela um despreparo de muitos profissionais, no que diz respeito ao tratamento a essa questão, ainda muito presente nas nossas escolas; fato que pode ser lido nas entrelinhas das falas de tantos entrevistados, ao longo das nossas incursões pelas escolas do estado do Amapá.

Elas nos instigam a algumas reflexões sobre a memória racista que ainda prevalece na escola e que vimos tentando fraturar, ao longo dos anos, em parceria com colegas de trabalho, com nossos mestrandos e hoje doutorandos e doutores, com quem temos tido o privilégio de trabalhar e desenvolver projetos/ações voltados para a educação das relações étnico-raciais. O foco das nossas análises tem sido as situações cotidianas de racismo em suas diversas formas e meios por onde se manifesta, como também os movimentos que buscam afirmar uma positividade do ser negro e fazer valer na prática a implementação da Lei nº 10.639/2003 e da Lei nº 11.645/2008.

No nosso entendimento, e a partir das nossas experiências de longa data no campo da educação, no curso de Pedagogia e nos Programas de Pós-Graduação, temos alcançado alguns avanços nesse domínio, evidenciados por uma perceptível mudança no tratamento dado à questão racial na escola, até mesmo por força da lei, ainda que saibamos que uma canetada não é suficiente para promover as mudanças desejadas, particularmente em um tema complexo e controverso como a questão racial no Brasil.

Estamos convencidos de que nessa questão precisamos lançar um olhar atento para essa racionalidade que tem conduzido nossos processos de aprendizagem sobre o mundo que nos cerca e que tem levado a muitos a negligenciar o poder que a emoção tem no comando de nossas ações e na forma de pensar o mundo em nossa volta. Precisamos entender, nos processos de formação e outros domínios da nossa ação educativa, que por trás de qualquer atividade nossa estará uma emoção que a funda e a orienta. E que essa emoção pode ser de aceitação e/ou de rejeição do outro ou do conhecimento sobre o outro (MATURANA, 1998).

Diante do contexto, em nossas atividades de pesquisa, de ensino e de extensão nos

orientamos pelo princípio defendido pelo autor acima, de que é preciso colocar a objetividade entre parênteses, para considerar nas análises, igualmente, o domínio das emoções na explicação da realidade, o que implicaria em pressupor a existência não de uma verdade absoluta, mas sim de uma pluralidade de verdades.

Por outro lado, se vislumbrarmos a íntima relação entre a memória e o esquecimento, poderíamos compreender ainda melhor as narrativas que usamos como exemplos para introduzir este texto. As reações das duas professoras denotam uma concepção de homem e de mundo típica de sociedades racistas, erigidas em cima de processos nem sempre visíveis de esvaziamento das memórias e das narrativas daqueles que a história oficial insiste em atribuir um papel de meros figurantes.

Benjamin (1994) ao atrelar a memória à significação de experiências, nos mostra como em um mundo cada vez mais fragmentado a experiência está perdendo o seu lugar de honra na constituição dos modos de viver. Escovar a história a contrapelo – um dos pontos fundamentais do pensamento de desse autor, ao acreditar que para ultrapassarmos esse culto ao efêmero precisamos constituir uma experiência com o passado, pois esse encerra histórias de lutas, sonhos e utopias não concretizados e que precisam ser continuados.

É pertinente destacar que os projetos instituintes em educação são formas de anunciar reversões na própria racionalidade e política dominante, de modo a preencher lacunas e vazios deixados por uma organização do saber hierarquizado e excludente de outros saberes, de outra corporalidade e de outras memórias. Sua origem está atrelada com a vida, com a história e com as ações coletivas e individuais que se alimentam de uma memória, para dar sentido ao que ficou suspenso no passado e que clama por uma solução (LINHARES, 2000, 2006).

Neste sentido cabe perguntar: que dimensões são essenciais na formação de professores para que nossos cursos possam religar os saberes produzidos socialmente, na perspectiva de uma ação pedagógica ética, plural e autônoma? Buscamos aqui narrar as experiências sobre relações raciais no Curso de Pedagogia da UNIFAP e o fazemos também na perspectiva de Bruner (2001) quando aponta para a narrativa como um modo de pensamento e como um veículo de produção de significado.

Na esteira dessas considerações iniciais nos indagamos novamente: Por que razão esse movimento de recuperação da memória em um processo narrativo de experiências compartilhadas no âmbito de um trabalho realizado no curso de Pedagogia? Para recuperar essa memória do PET/Pedagogia/Relações Raciais, portanto, nos ancoramos nas contribuições dos estudos sobre memória e narrações, memória e experiência para trazer a lume não só as nossas memórias, mas também as memórias dos alunos, professores, de modo que no seu processo de formação as usem como ferramentas para fecundar um processo de formação de docentes mais críticos e socialmente engajados. Não podemos esquecer nossa luta dentro do próprio curso de Pedagogia para introduzir estudos sobre relações raciais na matriz curricular do mesmo, na altura uma temática encarada como tema de pesquisa de menor relevância cientificamente.

## **A ESCOLA E A UNIVERSIDADE COMO ESPAÇOS PARCEIROS DE FORMAÇÃO: PEQUENOS RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA**

A proposta de constituição de um grupo PET/Pedagogia na UNIFAP foi aprovada em nível nacional no ano de 2010, com a colaboração ativa de professores/as do curso de Pedagogia e de mestrandos/as sob nossa orientação, em um esforço de articular a graduação com a pós-graduação na formação dos acadêmicos/as.

O projeto em seu nascedouro previa a participação de estudantes dos cursos de Pedagogia, Direito, Enfermagem, Ciências Ambientais e atribuía bolsas de estudos a doze bolsistas de graduação a cada dois anos. No entanto, por dificuldades outras como espaço adequado para desenvolver as atividades, bem como outras questões logísticas, decidimos nos limitar aos cursos de Pedagogia e Enfermagem, inicialmente, para depois limitar mais ainda para apenas o curso de Pedagogia.

Como princípio básico norteador das nossas ações de ensino, pesquisa e extensão dentro e fora da universidade, o projeto ancorou-se no princípio político e epistemológico que até hoje nos instiga a ampliar nosso olhar para além do visível à priori e considerar aqueles elementos tido como negligenciáveis por serem menores e pouco reconhecidos por uma determinada ciência. Ou seja, considerávamos e até hoje consideramos importante o reconhecimento de outras dimensões da prática educativa, para além do domínio racional, buscando, no que diz respeito à temática racial, ressaltar as sutilezas por onde o racismo vai se metamorfoseando, sem desconsiderar os movimentos que vêm seguindo na contramão das práticas racistas no contexto educativo.

O projeto que ensejou essa reflexão contemplou, ao longo dos anos, uma série de atividades dentro do espaço da universidade e fora dele. Isso incluiu atividades de embasamento teórico sobre o tema das relações raciais e suas relações com a educação, atividades que envolviam a participação em eventos culturais sobre a temática negra no Estado do Amapá; palestras e outras intervenções em escolas e em outros foruns que discutem a questão racial na educação escolar; participação em projetos promovidos por agentes culturais; levantamento através de entrevistas em escolas, associações culturais, incluindo entrevistas com expoentes da cultura negra do estado, bem como as experiências escolares e não escolares relacionadas ao tema em estudo.

A seguir, destacamos alguns temas desenvolvidos durante a execução do projeto: 1) Conceitos básicos: raça, racismo, preconceito, discriminação racial; relações étnico-raciais no Brasil; as teorias raciais, mestiçagem e branqueamento na construção da identidade racial, questões relevantes, o mito da democracia racial; movimentos instituintes na escola; Leitura e discussão de textos sobre o “tornar-se negro”; Discussões atuais sobre o tema – críticas ao mito da democracia racial; a Lei nº 10.639/2003; relações raciais e educação: sutilezas e movimentos instituintes - questões relevantes levantadas por estudos e pesquisas já realizados; Algumas questões atuais sobre currículo e educação quilombola, entre outros[1].

Vale ressaltar que este projeto gerou ainda alguns relatórios individuais com depoimentos dos acadêmicos e acadêmicas que fizeram parte desse projeto. Os bolsistas também foram sempre convocados/instigados a participar de bancas de apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), bancas de qualificação e defesa de dissertação, produção científica, dentre outros.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O projeto PET relações raciais foi uma oportunidade ímpar na sistematização de estudos sobre o racismo no mundo e no Brasil, de revisitar conceitos como os de racismo, discriminação racial e preconceito racial, ao mesmo tempo que estimulou os acadêmicos bolsistas a mergulharem nas suas próprias memórias raciais, percebendo como elas traduzem as teorias racistas dominantes, as sutilezas de um racismo disfarçado e as formas através das quais se foi aprendendo a ser racista, nas entrelinhas dos discursos, das atitudes e das situações vividas, ouvidas e relatadas.

Avaliamos que todas as atividades relativas às diversas fases do projeto contribuíram para que a UNIFAP e o curso de Pedagogia ampliassem seu foco de atividades, com a inclusão de forma mais geral das discussões sobre a temática das relações raciais, o que, evidentemente, vem acontecendo, através da instituição de políticas afirmativas na graduação e na pós-graduação, todas instituídas por lei, mas que careciam de sustentação teórica e de uma preparação mais ampla da comunidade universitária para sua efetiva implementação.

Através das atividades do PET percebemos que outros cursos da universidade conjugaram esforços no sentido de ampliar suas discussões, incluindo a temática racial em seus vários desdobramentos. Além disso, ainda na fala dos bolsistas, os estudos relativos ao projeto propiciaram a eles outras ferramentas que permitiram atividades pedagógicas antirracistas, mais inclusivas e interculturais, bem como desenvolver habilidades relativas à pesquisa teórica, de campo, metodologias de ensino e pesquisa e capacidade de lidar com as diferenças.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm)>. Acesso em: 01 set. 2018.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BRUNER, J. **A Cultura da Educação.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

LINHARES, C. Projeto de Pesquisa. **Experiências Instituintes em Escolas Públicas: Memórias e Projetos para Formação de Professores,** 2000.

LINHARES, C. F. **Experiências Instituintes em escolas públicas e formação docente.** Projeto de Pesquisa – UFF, 2006.

MATURANA, H. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

MELUCCI, A. **Por uma Sociologia Reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura.** Petrópolis: Vozes, 2005.

---

[1] Entre obras utilizadas estão autores/as como: Eliane Cavalleiro; Eugénia Foster; Frantz Fanon; Stuart Hall; Jerry Dávila; Kabengele Munanga; Nilda Alves; Nilma Lino Gomes; Neusa Santos Souza; Wilma de Nazaré Baía Coelho, Tomaz Tadeu da Silva, entre outros.